

Ministério da Cultura, Museu de Arte Moderna
de São Paulo e Museu de Arte Contemporânea da
Universidade de São Paulo apresentam

mam
70

mam |||| 70

1948
2018



Patrocínio MÁSTER



Patrocínio



Apóio



Realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA GOVERNO
FEDERAL

Museu de Arte
Contemporânea da
Universidade de São Paulo

Museu de Arte
Moderna
de São Paulo

Ao se comemorar os vinte anos do setor educativo do MAM, foi concebida uma mostra que pudesse em evidência a prática que o MAM havia pioneiramente estabelecido no relacionamento dos aspectos pedagógicos com a atividade expositiva da instituição. A exposição *Educação como matéria-prima*, realizada em 2016, reuniu obras construídas sobre processos pedagógicos. Dentre as obras selecionadas estava o *Expediente* [p. 190], de Paulo Bruscky, pertencente à coleção do museu – a obra consiste em deslocar algum funcionário da instituição para dentro de uma mostra, instalando-o em uma escrivaninha, para lá transferindo todos os seus instrumentos de trabalho e levando-o a cumprir seu expediente regular à vista do público durante o tempo que durar a exposição. Por meio de *Expediente*, foi possível deslocar todos os funcionários do setor educativo para trabalharem ao vivo dentro da exposição e em contato com as demais obras, que eram constituídas por processos de interação com o público, potencializando a situação em que a educação era o substrato mesmo de tudo o que era ali experimentado. Nessa mostra foi também exibida a obra de Luis Camnitzer [p. 200], que consiste em um adesivo na fachada do museu com os dizeres: “O museu é uma escola: o artista aprende a se comunicar com o

público; o público aprende a fazer conexões”; na ocasião, a obra foi adquirida para o MAM.

A partir dessa mudança profunda no posicionamento da pedagogia no museu, criou-se um modelo de relacionamento com o público do MAM que se afastou da noção inicial de transmissão de um conteúdo determinado sobre história da arte. Conforme Daina Leyton, coordenadora do setor educativo e uma das curadoras da mostra *Educação como matéria-prima*:

Sendo polos de encontro de muitas pessoas de diversas origens, os museus podem atuar em dois caminhos diferentes: o de contribuir na disseminação de uma lógica vigente e dominante que se queira reproduzir, ou o de trabalhar com o seu público acontecimentos e questões do mundo, libertadas de seu entendimento dominante, permitindo a ressignificação de forma a investigar e criar possibilidades. [...] Enquanto o estudo da história da arte permite ter contato com testemunhos e expressões de diferentes épocas, contribuindo para o desenvolvimento de um olhar sensível e uma reflexão crítica sobre os diversos contextos mundanos passados ou atuais, o exercício de experimentação criativa permite imaginar e instituir possibilidades.⁶

Helouise
Costa

mam70

educar para o moder- no: entre a biblió- teca e o museu

6. Daina Leyton. “Curar uma exposição sobre a escola: um exercício de pensamento”. In: Jorge Larrosa (org.). *Elogio da Escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p. 247.

O uso de reproduções como ferramenta para a disseminação da arte foi um tema largamente debatido já no final do século XIX, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos. Tal debate ampliou-se no período entreguerras devido a diversos fatores, entre os quais o grande avanço das técnicas industriais de reprodução fotomecânica em cores e as reflexões de André Malraux sobre o museu imaginário. A utopia de democratização do acesso à arte por meio da reproduibilidade técnica ganhou espaço privilegiado nas discussões voltadas à reconstrução após a Segunda Guerra Mundial, tendo a UNESCO incentivado a realização de exposições de reproduções.

Nesse contexto, a Seção de Arte da Biblioteca Municipal de São Paulo (BMSP) assumiu um importante papel no Brasil no início da década de 1940, no que foi seguida pelo Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM) e pelo Museu de Arte de São Paulo (MASP), inaugurados na capital paulista poucos anos depois. Iremos apresentar aqui um breve apanhado das exposições de reproduções de obras de arte realizadas especificamente em colaboração entre a Seção de Arte da BMSP e o MAM, nas décadas de 1940 e 1950, o que servirá de base para uma reflexão sobre o papel da reproduibilidade na consolidação e formação de público para a arte moderna na capital paulista.¹

mam70

1. Trata-se dos resultados parciais de uma pesquisa ainda em curso, realizada no âmbito da bolsa de produtividade do CNPq vigente entre 2016 e 2019. Esse texto é uma versão modificada da comunica-

ção apresentada no Colóquio Labex Brasil-França: *Uma história da arte alternativa: outros objetos, outras histórias*, realizado pelo MAC USP, Unifesp e Labex Arts et Humanités 2H2, em 2016.

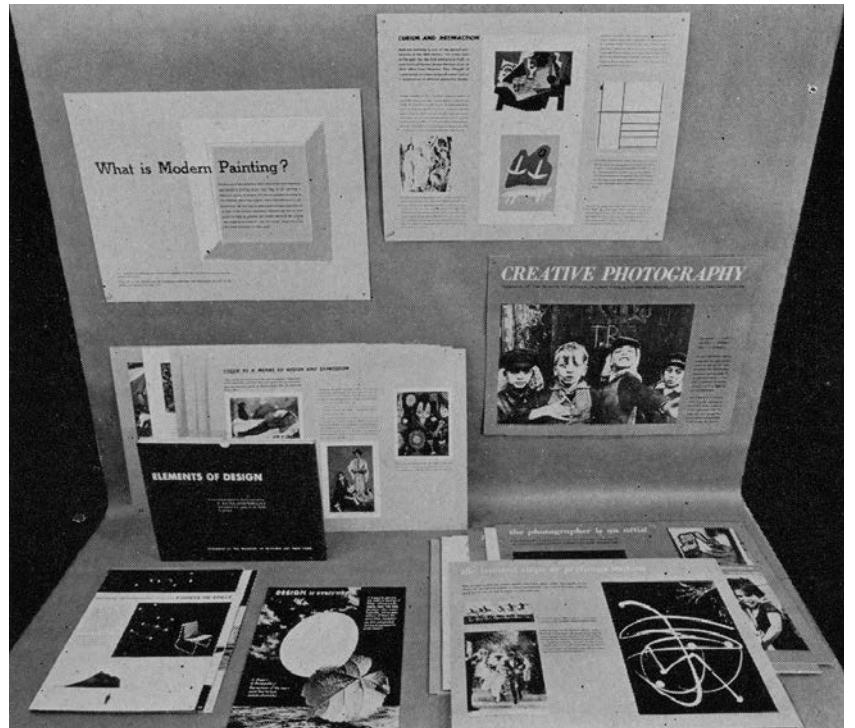
2. Mário de Andrade. «Museus populares». *Revista Problemas*. São Paulo, Ano I, nº 5, 1938.

Em defesa da reproduibilidade: Mário de Andrade, Sérgio Milliet e Maria Eugênia Franco

Uma das primeiras menções ao uso das reproduções de obras de arte como instrumento de democratização do acesso à arte no nosso ambiente cultural encontra-se em um texto de Mário de Andrade, intitulado “Museus populares”, publicado em 1938. Na ocasião, Mário de Andrade, que era diretor do Departamento Municipal de Cultura de São Paulo, foi contundente em sua crítica ao conceito tradicional de museu e à precariedade dos museus de arte locais.

O que de principal nós podemos tirar da Gioconda, a reprodução dela nos dá. Sejamos reais. Em vez de tortuosos museus de belas-artes, cheios de quadros verdadeiros de pintores medíocres, com menos dinheiro abramos museus populares de ótimas reproduções feitas por meios mecânicos, com todas as escolas de artes representadas por seus gênios maiores e suas obras principais. Museus claros. Museus francos. Museus leais.²

Entre os colaboradores diretos de Mário de Andrade, na época em que escreveu essas linhas, estava o crítico de literatura e arte Sérgio Milliet, a quem ele designou



Painéis de três exposições múltiplas desenvolvidas pelo MoMA: *What is modern painting?*, *Elements of Design* e *Creative Photography*.
Fonte: MoMA Archives.
Foto: © 2018. Digital image, The Museum of Modern Art, New York/Scala, Florence

para a direção da Biblioteca Municipal,³ em 1943. Ao assumir, Milliet deu início a uma coleção de obras de arte originais sobre suporte de papel e organizou uma exposição permanente de reproduções de pinturas estrangeiras. Essas ações seriam ampliadas com a criação da Seção de Arte da biblioteca, inaugurada em 1945, para cuja direção Sérgio Milliet indicou Maria Eugênia Franco, escritora e crítica de arte.⁴

Na direção da Seção de Arte, Maria Eugênia Franco investiu na criação do Gabinete de Estampas, voltado ao co-

lecionismo de obras de arte sobre papel originais, de artistas nacionais, que resultou na formação do primeiro acervo público de arte moderna do país. Paralelamente, implantou um programa de aquisições específico para reproduções de obras de artistas estrangeiros, integrado a uma agenda de exposições didáticas. Franco idealizou uma série de mostras que denominou genericamente de “Museu Imaginário”. No texto de abertura da exposição *Origens e evolução da pintura de Picasso*, realizada em agosto de 1949, Maria Eugênia Franco explica os princípios do programa.

mam70

Na introdução de sua importante obra “Psychologie de l’Art”, André Malraux observa que a invenção da reprodução colorida, tornando possível a apreciação e comparação das obras de arte distribuídas por todos os museus do mundo, “abriu um Museu Imaginário sem precedentes”. [...] A fim de chamar atenção dos estudiosos da arte – tão numerosos atualmente em São Paulo – para a importância indiscutível das reproduções coloridas, a Seção de Arte da Biblioteca resolveu apresentar [...] séries avulsas de reproduções de grande formato e álbuns diversos. As exposições de reproduções já vinham sendo feitas há longo tempo, num esforço de divulgação do acervo da Seção [de Arte]. Pondo-as agora sob o signo do “Museu Imaginário” esperamos apenas que a sugestiva noção da possibilidade de existência de um museu ideal, ao alcance de todos nós, por intermédio da reprodução da obra de arte, venha estimular, ainda mais, os estudos artísticos e a frequentação de nossa sala de leitura.⁵

Um artigo de Geraldo Ferraz publicado no *Jornal de Notícias* informa que, além das reproduções das obras dispostas nas vitrines no saguão da BMSP, a mostra contava também com material explicativo complementar em livros, álbuns e revistas expostos na Seção de Arte no primeiro andar, aos quais o público tinha livre acesso.⁶ No seu primeiro ano de existência, a Seção de Arte promoveu também uma mostra de reproduções denominada *Pintura norte-americana*. Ainda na década de 1940 ocorreram as

6. Geraldo Ferraz. “Origens e evolução da pintura de Picasso”. *Jornal de Notícias*, 29 jun. 1949.

7. *Diário de S. Paulo*, 9 mar. 1949.

8. Não foi possível, até

o momento, produzir um levantamento exaustivo das mostras de reproduções de obras de arte que aconteceram na Seção de Arte da BMSP a partir da década de 1940. Trata-se de uma tarefa em curso, que demandará ainda

uma minuciosa pesquisa em jornais de época e uma boa dose de sorte na descoberta de fontes complementares. Agradeço a Natan Tiago Batista Serzedello, analista de informações da Seção de Arte da Biblioteca Mário

de Andrade, pelo suporte dado a esta pesquisa.

9. Deixo registrada a colaboração da bolsista Sophia Faustino Freire de Souza, do Programa Unificado de Bolsas de Estudo para Estudantes de

Graduação (PUB), 2018-2019, da Universidade de São Paulo, que vem trabalhando na complementação do levantamento das exposições citadas neste artigo desde dezembro de 2017.

seguintes exposições: *Pintores impressionistas*; *Escolas da pintura moderna*; *Influência dos pós-impressionistas Cézanne, Gauguin e Van Gogh no cubismo, fauvismo e expressionismo*,⁷ além de *Renascença italiana*, entre outras.⁸

Em prol da educação do público

A partir do final da década de 1940, os museus de arte recém-inaugurados iriam incorporar as exposições de reproduções de obras em suas programações. Destaca-se nesse contexto a colaboração estabelecida entre a Seção de Arte e o MAM. A partir da abertura do museu, as duas instituições passaram a realizar exposições conjuntas e/ou complementares.⁹ Segundo Sérgio Milliet, a mostra de reproduções *Origens e evolução da pintura de Picasso* foi acompanhada de uma exposição das obras do artista existentes em São Paulo, apresentada no MAM.

Aproveitando a oportunidade dessa exposição, juntou o Museu de Arte Moderna os poucos Picassos existentes em nossa cidade. Onze somente e não dos mais característicos, embora entre eles figure uma tela do período do cubismo analítico

3. A então BMSP, hoje Biblioteca Mário de Andrade (BMA).

4. Destaco o período entre 1946 e 1948, quando Franco estudou na Escola do Louvre com uma bolsa do governo francês e

realizou um estágio no setor de documentação da Organização das Nações Unidas (UNESCO),

experiência que viria a ser fundamental para o desenvolvimento posterior de suas atividades na Seção de Arte, como veremos

adiante. Uma biografia de Maria Eugênia Franco pode ser encontrada em Andréa Andira Leite. “A experiência do Departamento de Informação e Documentação Artísticas (IDART) em São Paulo: uma revisão crítica”.

São Paulo: Programa de

Pós-Graduação em Museologia. Universidade de São Paulo, 2017 (dissertação de mestrado).

5. Maria Eugênia Franco. Biblioteca Mário de Andrade, pastas sobre as exposições organizadas

pela Seção de Arte durante as décadas de 1940 a 1980 (release). Ver também: “Exposição didática sobre a pintura de Picasso. O museu imaginário da Seção de Arte da Biblioteca Municipal”. *Jornal de Notícias*, 10 ago. 1949.

(Coleção Tarsila do Amaral) que é pelo menos importante, senão bela. O esforço entretanto merece o nosso aplauso. A se repetirem essas iniciativas e em particular a se difundir a ideia de uma colaboração inteligente entre os nossos diversos museus e instituições culturais, teremos em S. Paulo uma possibilidade artística bem superior à que fora de esperar dos nossos parcos “tesouros” plásticos e pictóricos.¹⁰

A exposição *De Manet a nossos dias*, por sua vez, trazida ao MAM em novembro de 1949, teve como complemento a mostra didática *Os precursores da pintura francesa contemporânea*, apresentada simultaneamente na Seção de Arte.

Prestando homenagem à exposição francesa “De Manet a nossos dias”, e colaborando com o Museu de Arte Moderna na difusão da arte francesa em São Paulo, a Seção de Arte da Biblioteca Municipal está apresentando nas vitrinas do saguão da Biblioteca, uma pequena exposição de reproduções coloridas dos mestres naturalistas, impressionistas e pós-impressionistas que mais contribuíram para a formação da pintura moderna.¹¹

A mostra didática contou com dezenas reproduções dos seguintes artistas: Camille Corot, Gustave Courbet, Jean-François Millet, Théodore Rousseau, Claude Monet, Édouard Manet, Alfred

Sisley, Auguste Renoir, Edgar Degas, Henri de Toulouse-Lautrec, Camille Pissarro, Vincent van Gogh, Paul Gauguin, Georges Seurat, Paul Signac e Paul Cézanne [p. 69]. As pranchas integravam o acervo da Seção de Arte, assim como os álbuns de artistas e as revistas, adquiridos com a finalidade de ampliar a diversidade de obras de referência disponíveis para o público frequentador da biblioteca.¹²

A partir de 1950, várias outras ações conjuntas entre a Seção de Arte e o MAM iriam se suceder. A mostra didática *O abstracionismo e seus criadores*, organizada por Maria Eugênia Franco na Biblioteca Municipal, em novembro de 1954, colocou-se como complemento à *Exposição dos artistas de vanguarda da revista francesa Art d'aujourd'hui*, então em cartaz no museu.¹³

Fazendo coincidir esta exibição didática com a “Exposição dos Artistas de Vanguarda da revista francesa *Art d'aujourd'hui*”, que se encontra, neste momento, no Museu de Arte Moderna, a Seção de Arte da Biblioteca espera esclarecer, para o público, o que seja o abstracionismo, isto é, o problema da ausência de representação do objeto, criado pela arte contemporânea. [...] Obras originais de alguns artistas representados, e dos

jovens abstracionistas que continuam as pesquisas desses criadores, podem ser vistas, até o dia 20 do corrente, no Museu de Arte Moderna. As duas exposições se completam reciprocamente, portanto.¹⁴

No âmbito do programa de exposições didáticas da Seção de Arte da Biblioteca Municipal destaca-se a compra de material produzido pelo Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA). O museu norte-americano lançou um programa de “exposições múltiplas”, em 1945, destinadas à itinerância e disponibilizadas aos interessados mediante venda ou aluguel.¹⁵ Essas mostras não eram constituídas apenas por uma seleção de reproduções de obras de arte e sim por painéis explicativos que conjugavam textos e reproduções. Os painéis mediam cerca de 1,00 x 0,76 m, sendo acondicionados em embalagens especialmente projetadas para facilitar o transporte, e cada conjunto pesava cerca de 20 kg. O público-alvo dessas mostras eram instituições educacionais, tanto escolas de ensino médio quanto faculdades, além de bibliotecas, museus, clubes, sindicatos, associações fotográficas, organizações comunitárias ou quaisquer outros grupos organizados que manifestassem interesse por seus conteúdos.¹⁶

Três das exposições integrantes do programa do MoMA foram apresentadas na Seção de Arte da BMSP em diversas ocasiões – *Fotografia artística*, *Elementos do desenho* e *O que é pintura moderna?* – sendo que as duas últimas foram compartilhadas com o MAM.¹⁷ Dentre elas, a que teve maior repercussão foi, sem dúvida, *O que é pintura moderna?*. Exibida pela primeira vez na Seção de Arte, em 1948, foi reapresentada na 2ª Bienal de São Paulo, em 1953.¹⁸

Com o objetivo de auxiliar os que desejam compreender a pintura contemporânea, a Seção de Arte da BMSP tomou a iniciativa de expor estes cartazes didáticos pertencentes ao seu acervo durante a segunda Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo. A repercussão dessa iniciativa – num momento em que a Bienal tornou mais presente e mais vital o problema da compreensão da arte moderna – levou a exposição a ser solicitada por diversas instituições culturais do Estado. [...] Para o público brasileiro, que ainda não aprendeu suficientemente o mecanismo plástico, o seu sentido subjetivo e os problemas estéticos fundamentais da pintura moderna, esses cartazes são de enorme importância.¹⁹

Em 1953, essa exposição acompanhou o lançamento da versão em português do livro de mesmo nome, publicação

mam70

10. Sérgio Milliet. “Uma exposição didática”. *O Estado de S. Paulo*, 11 nov. 1949, p. 13.

11. “Os precursores da pintura francesa contemporânea”. *O Estado de S. Paulo*, 20 nov. 1949.

12. Muitas dessas reproduções chamam atenção

pela excelente qualidade de impressão e pelas boas condições de conservação que mantêm até hoje. Uma avaliação inicial do acervo

Museu de Arte Moderna de Nova York.

jan. 1955: “Acha-se aberta ao público, no corredor, uma exposição didática intitulada *O abstracionismo e seus criadores*. A exposição foi organizada

criadores. Exposição apresentada pela Seção de Arte da Biblioteca.

13. “O abstracionismo e seus criadores”. *O Estado de S. Paulo*, 22 jan. 1955. O jornal *O Correio da Manhã* anunciou que a exposição intitulada *O abstracionismo e seus criadores* foi apresentada na sede do próprio

que a exposição *Creative Photography* (adaptada/ traduzida para o português como *Fotografia artística*) foi comprada por Sérgio Milliet.

14. “1954 (Novembro): *O abstracionismo e seus*

que a exposição *Creative Photography* (adaptada/ traduzida para o português como *Fotografia artística*) foi comprada por Sérgio Milliet.

15. Foram quatro exposições lançadas na ocasião: *Look at your Neighborhood; What Is Modern Painting; Elements of Design e Creative Photography*. Ver: “New Technique of Multiple Circulating Exhibitions on Display at the Museum of Modern Art” (release). Museum of Modern Art Archives. Consta na documentação do MoMA

na em São Paulo”. *Anais do Museu Paulista. História e cultura material*, vol. 22, nº 1, 2014, pp. 107-32.

16. Para uma análise detalhada da exposição

17. Das três mostras didáticas do MoMA apresentadas na BMSP, apenas a *Fotografia artística* teve os textos traduzidos para o português nos Estados Unidos. As demais foram

traduzidas em São Paulo pelos profissionais da Seção de Arte. *Elements of Design* foi traduzida como *Elementos do desenho* e

18. A mostra voltou a ser

apresentada no saguão da BMSP em 1958. Ver: “Expo-

sição didática sobre pintura moderna”. *O Estado de S. Paulo*, 26 jul. 1958. Sobre

19. a história da educação nas

Bienais de São Paulo, ver: José Neto Minerini. *Educação nas Bienais de Arte de São Paulo: dos cursos do MAM ao educativo permanente*. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes, 2014 (tese de doutorado).

conjunta do MoMA, do MAM e do MAM Rio, que recebeu efusivas críticas na imprensa, devido ao seu didatismo e à ausência de bibliografia similar em português.²⁰ A partir de 1954, a mostra passou a circular nos salões de arte moderna, nas edições subsequentes da Bienal de São Paulo e em mostras diversas, tanto na capital quanto no interior do Estado, sempre que se queria esclarecer os princípios da arte moderna para que o público leigo pudesse apreciar melhor uma determinada exposição. Já a mostra didática *Elementos do desenho* foi exibida na BMSP em agosto de 1950 e posteriormente apresentada ao público na sede do MAM, em setembro de 1956.²¹

•

O MAM continuaria a expor reproduções de obras de arte ao menos até a década de 1960, mesmo sem a colaboração da Biblioteca Municipal de São Paulo. Esse foi o caso, por exemplo, da *Exposição de reproduções de quadros célebres*, organizada em parceria com a Livraria Kosmos.²² O levantamento preliminar aqui apresentado aponta para o entendimento das reproduções como um importante complemento das exposições de obras originais realizadas no museu, o que demonstra um forte compromisso

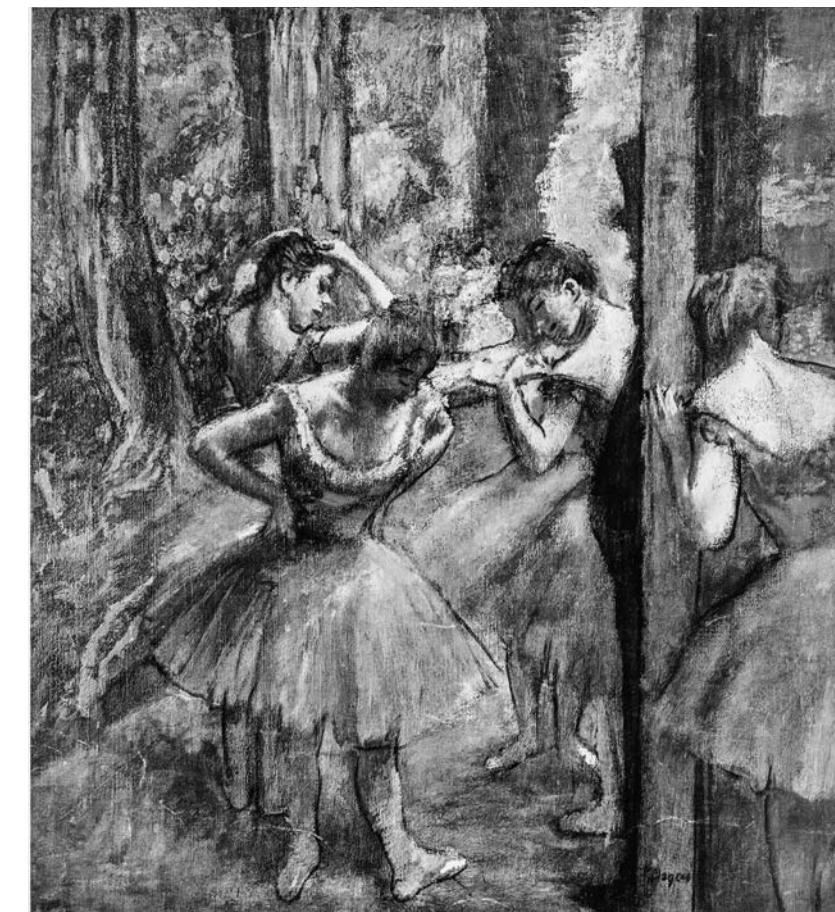
institucional com a educação do público para a arte moderna. Convém lembrar que o MAM e o MASP funcionavam no prédio dos Diários Associados, em seus primeiros anos, e que as exposições didáticas fizeram parte da programação de ambos os museus.²³

Uma história obliterada

O colecionismo e a difusão de reproduções de obras de arte implementados pela Seção de Arte da BMSP parecem ter colocado em prática a proposta, apresentada por Mário de Andrade, em 1938, de criação de museus populares. Como vimos, Andrade propunha a criação de museus, cujos acervos fossem formados por reproduções de obras de arte executadas por meios mecânicos, a fim de “pôr as suas coleções ao alcance de qualquer compreensão”.²⁴ A essa referência local podemos somar o contexto internacional do pós-guerra, especialmente favorável à propagação de um certo ideal liberal de democratização da arte.

Naquele momento a arte moderna foi tomada como símbolo da liberdade

Reproduções de obras de Degas e Toulouse-Lautrec apresentadas na mostra didática realizada pela Seção de Arte da Biblioteca Municipal em 1949. Fonte: Biblioteca Mário de Andrade. Foto: Everton Ballardin.



mam70

19. “O que é pintura moderna?”. Biblioteca Mário de Andrade, pastas sobre as exposições organizadas pela Seção de Arte durante as décadas de 1940 a 1980 (release).

20. Alfred Barr. *O que é pintura moderna?*. Nova York, São Paulo e Rio de Janeiro: MoMA, MAM São Paulo e MAM Rio, 1953; Jayme Maurício. “Que é pintura moderna?”. *Correio da Manhã*, 8 ago. 1953, p. 11.

21. “Evolução do desenho”. *O Estado de S. Paulo*, 31 ago. 1950. “Exposições didáticas II – Na Biblioteca Municipal”. *O Estado de S. Paulo*, 20 ago. 1950; “Desenho no Museu de Arte Moderna”. *O Estado de S. Paulo*, 27 set. 1956.

22. *O Estado de S. Paulo*, 7 jul. 1955.

23. Sobre as exposições didáticas do MASP em seus primeiros anos, ver: Stela Politano. *Exposição didática e vitrine das formas: a didática do Museu de Arte de São Paulo*. Campinas (SP): Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, 2010 (dissertação de mestrado).

24. Mário de Andrade, op. cit.

de expressão e da democracia, como se pode ver no texto de Alfred Barr em seu livro *O que é pintura moderna?* e na exposição de mesmo nome. Além disso, a UNESCO, criada em 1945, incluiria em seu programa diversas publicações e exposições de reproduções de obras de arte, entendidas como ferramentas capazes de transpor as fronteiras geográficas e as barreiras culturais entre os povos, tornando acessível um patrimônio cultural, supostamente universal, em favor de ideais democráticos e pacifistas.

A ampla utilização das reproduções de obras de arte defendida por historiadores e críticos como Mário de Andrade, Sérgio Milliet e Maria Eugênia Franco nos leva a reconsiderar a importância de tal fenômeno e a questionar o motivo que o levou a ser negligenciado pela historiografia até os dias atuais. Ficam registrados os esforços conjuntos da Biblioteca Municipal e do Museu de Arte Moderna de São Paulo, que, entre as décadas de 1940 e 1950, investiram na educação do público para a arte moderna, numa tentativa de superar a desinformação e criar repertório para o amadurecimento do incipiente circuito artístico local.